

# Um outro capitalismo para novas mentes

**Por Ana Redig**

*“Não creio em revolução, mas na evolução do capitalismo. Apenas mudanças mentais terão a capacidade de transformar o modelo econômico mundial em algo que não gere tanta concentração de renda e tanta desigualdade”. A afirmativa é do professor e geógrafo indiano Suranjit Saha, que esteve recentemente no Brasil a convite do Centro Internacional Celso Furtado para uma série de palestras e debates*

A primeira coisa que chama a atenção nas apresentações do professor Saha é que são proferidas em português. Isto porque ele vem ao Brasil desde 1989, quando participou de um programa de cooperação entre CNPq e British Council. Suranjit Saha passou 12 semanas no Pará, ocasião em que começou a aprender o idioma. “Isso me abriu as portas para conversar diretamente com a população, desenvolvendo uma visão de dentro da sociedade. Também passei a ler os intelectuais brasileiros, conhecendo o ponto de vista local e não o europeu,” observou. O professor também ministrou, alguns anos depois, um curso de Macroeconomia do Setor Público na Universidade do Pará.

Desde então, ele tem se dedicado ao estudo de temas como globalização, desenvolvimento local e regional, integração regional e estudos sobre a pobreza. Graduado em Geografia Políti-

ca e Econômica pela Patna University, com mestrado em Geografia pela mesma instituição e doutorado em Estudos do Desenvolvimento pela University of Wales Cardiff, Suranjit Saha atualmente é professor titular do Departamento de Geografia da Swansea University, no Reino Unido. Embora critique firmemente o capitalismo neoliberal, Saha afirma não seguir nenhuma corrente política ou econômica, e vem procurando alternativas para as desigualdades que afligem a Índia e o Brasil.

Suranjit Saha está convicto de que o atual modelo econômico global não tem nada a oferecer a 90% da população mundial senão mais desigualdade e mais concentração de renda. Para o geógrafo, a capacidade de fazer mudanças expressivas está nas mãos de 70% da população, ou seja, daqueles que não fazem parte dos 10% mais ricos e nem dos 20% mais pobres. Saha também defende que é essencial derrubar as “verdades” que o capitalismo apregoa. Segundo ele, o primeiro mito que precisa cair é de que os pobres não se tornam ricos por falta de capacidade ou talento, ou por não se

*Suranjit Saha é graduado em Geografia Política e Econômica pela Patna University, com mestrado em Geografia pela mesma instituição e doutorado em Estudos do Desenvolvimento pela University of Wales Cardiff. Atualmente ele é professor titular do Departamento de Geografia da Swansea University, no Reino Unido.*



Fotos: Noel Joaquim Faria

esforçarem o suficiente. Outra inverdade é que os ricos são os responsáveis por gerar emprego e renda. “Isso é mentira. Todos fazemos parte da mesma engrenagem. Os frutos deste trabalho coletivo é que são mal distribuídos. Esses estereótipos são criados deliberadamente para sustentar e manter o modelo capitalista neoliberal.”, analisa.

**Desigualdade** – A América Latina apresenta um nível de desigualdade só comparável a países pobres da África. Entre as nações latino-americanas, o Brasil fica atrás somente de Bolívia e Colômbia. E entre as grandes potências, o país apresenta a maior concentração de renda. De acordo com a edição *The World's Billionaires 2013*, publicada pela *Forbes*, 46 famílias brasileiras detêm 6,2% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Mesmo tendo sido o único país entre os grandes a conseguir melhorar seus índices entre 1980 e 2010, nenhum outro apresentou uma concentração tão alta: o *gap* entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres é de 53,6 vezes. Isso quer dizer que os 10% dos mais pobres no Brasil tem 1% do PIB nacional e 10% dos mais ricos têm quase 43% da renda nacional. Suranjit Saha elogia a elevação do salário mínimo no país, que alcançou seu valor mais alto desde a década de 1960, mas ressalva que um terço da população ainda vive com menos de US\$ 300 por mês. Segundo dados do IBGE publicados em julho deste ano, 27% dos brasileiros ganham menos de um salário mínimo e 40% recebem menos da metade dele.

Até mesmo o economista conservador Joseph Stiglitz concorda hoje com o fracasso do modelo neoliberal. Stiglitz, que foi assessor e conselheiro do presidente George W. Bush na construção do Consenso de Washington, reconhece em seu último livro, *O Preço da Desigualdade*, que “o capitalismo está apenas causando desigualdade, poluição, desemprego e, o mais importante, a degradação dos valores”. Stiglitz prevê que em 50 anos o mundo esteja vivendo “um pesadelo, uma visão assustadora de uma sociedade dividida por classes, em que os ricos vivem em condomínios seguros, com acesso as todas as coisas boas da vida, convivendo lado a lado com os pobres que vivem na insegurança, acesso limitado à educação e cuidados com a saúde, e em desespero”. Saha garante que este tempo já chegou. “Basta olhar para o Brasil. As classe média alta e alta vivem outra realidade do que o resto do país.”

Se aceitarmos que a verdadeira divisão da sociedade está entre os 10% mais ricos e os 20% mais pobres, são os 70% restantes que têm o poder da mudança. Isto porque a elite não

tem razões para querer mudar uma situação favorável para si. Por outro lado, os muito pobres muitas vezes estão tão concentrados no dia a dia da sobrevivência que não têm tempo ou recursos para pensar em um quadro mais amplo. Para o geógrafo, a maioria só vai agir para mudar quando entender que não há qualquer possibilidade de alcançar o patamar que tem como exemplo e como desejo. “Quando enxergarem isso, talvez descubram uma conexão maior e interesses mais próximos com os 20% mais pobres, e não com os 10% mais ricos”.

Suranjit Saha acredita que uma alteração de dentro para fora vai acabar provocando mudanças nos partidos políticos e na governança nacional. “Uma vez que estes 70% se identifiquem com os 20% mais pobres, começarão a fazer reivindicações conforme seus interesses e necessidades. Hoje o Executivo e o Legislativo governam para os 10% mais ricos, apoiados por esta maioria que se identifica mentalmente com eles, apoiados na ilusão de que um dia farão parte desta elite”, analisa.

**Identidade e ilusões** – A criação das identidades nacionais é feita a partir de itens comuns como idioma, origem, religião, etnia, entre outros. Ocorre que esta construção mental é conduzida pela classe dominante, a mesma que dirige as ideias, a política, a economia, as guerras etc. Por isso, o especialista alerta para a importância de se levar em conta o ponto de vista da população oprimida ao propor alternativas para um mundo menos desigual. Suranjit Saha garante que o caminho para uma sociedade mais

harmônica é a recriação desta identidade a partir da realidade das demandas locais. “É preciso reconhecer cada realidade sem mascarar, sem dividir, mas considerando todas as fontes que compõem a cultura nacional”, propõe.

O geógrafo diz que para tanto é fundamental aprender a pensar politicamente. O primeiro passo é entender que o processo que cria a riqueza somente para alguns é o mesmo que cria o agravamento da pobreza e a miséria para muitos. É necessário desiludir as mentes da maioria oprimida de que um dia eles também irão compartilhar de uma riqueza e do estilo de vida que os ricos e os super-ricos desfrutam hoje em dia. “Isso é uma ilusão. Nunca todos os brasileiros ou todos os indianos viverão da mesma forma que os 10% mais ricos da Europa e da América do Norte. É impossível. Nenhum sistema pode sustentar isso. O planeta não tem tantos recursos. Os ricos só têm um estilo de vida tão bom porque outros não têm nada”, garante.

Para o geógrafo, essas ilusões são criadas e reforçadas diariamente pela mídia eletrônica, o cinema popular, o *show business* e a imprensa que constantemente disseminam históri-



| Países         | Gini 1980 ou ano mais próximo | Gini 2010 ou ano mais próximo | % aumento e queda de desigualdade 1980-2010 |
|----------------|-------------------------------|-------------------------------|---|
| Estados Unidos | 0,301                         | 0,386                         | 28,2  |
| China          | 0,234                         | 0,415                         | 77,4  |
| Rússia         | 0,251                         | 0,451                         | 79,7  |
| Alemanha       | 0,244                         | 0,321                         | 31,6  |
| Índia          | 0,314                         | 0,394                         | 21,5  |
| Brasil         | 0,553                         | 0,520                         | -6,0  |
| Reino Unido    | 0,270                         | 0,335                         | 24,1  |
| Japão          | 0,300                         | 0,329                         | 9,7   |

Reprodução: Apresentação Saha, 2013.

as nos moldes “dos trapos à riqueza”. Além desses exemplos de sucesso que inspiram a maioria a se esforçar mais e mais, personagens ficticiais da TV e do cinema criam desejos de consumo acima da capacidade dessa população e vendem um estilo de vida que está totalmente fora do alcance dessas pessoas. O doutor Suranjit Saha diz que é preciso reconfigurar as consciências de todos, e especialmente na camada média, que é a capaz de realizar mudanças. “É preciso acabar com os estereótipos mentais que fazem os pobres acreditarem que o sistema permite que ele seja rico um dia, ou pelo menos seus netos”, insiste.

Os meios de divulgação também reforçam a ilusão de que os ricos são bons por doarem ou se envolverem com entidades filantrópicas, fornecendo apoio a quem precisa. “Essas fundações oferecem um pequeno número de bolsas de estudos para estudantes pobres, quando são eles mesmos – e o modelo que permite esta concentração de renda – os responsáveis por bloquear o acesso de milhares de estudantes. Foi esta elite que transformou o ensino uma mercadoria rentável, acessível a poucos”, critica. “Essas são as pessoas que aparecem na TV alimentando crianças desnutridas e fazendo ações de saúde e criando instalações de água potável em regiões miseráveis, ajudando a perpetuar o capitalismo como um sistema benevolente”.

Outra crença que precisa ser desmistificada, segundo o especialista, é a de que os ricos, em todas as sociedades, são os responsáveis pela criação da riqueza e os geradores de emprego. A questão é que as regras sociais para a distribuição do trabalho e da riqueza favorecem os ricos em detrimento dos pobres. “Os valores da sociedade precisam determinar regras que façam uma distribuição justa. E é preciso entender que a qualidade de vida dos pobres pode ser melhor sem ferir a vida dos ricos, sem alterar as regras do jogo ou o sistema de valores prevalentes”. A recente análise de Joseph Stiglitz reforça o pensamento de Saha: “A concentração da riqueza americana resultava do rentismo, incluindo os lucros de monopólio, e não do trabalho árduo”.

Para Saha, a imprensa ajuda a reafirmar essas falsas verdades e colabora com a perpetuação do modelo ao não questionar a desigualdade como um fruto perverso à sociedade. O jornal conservador inglês *Sunday Telegraph*, por exemplo, publicou um artigo praticamente justificando os problemas do sistema, sob a seguinte alegação: “o capitalismo tem todos os vícios dos seres humanos: ganância, egoísmo e desonestidade, mas também as virtudes da criatividade, diligência e coragem, e fornece toda a riqueza que é necessária para os serviços públicos e o financiamento do governo”. Já o *The Economist*, porta-voz do capitalismo responsável publicou, em 2011, que apesar “de 1% dos adultos ricos controlarem 43% dos ativos do mundo e dos 10% mais ricos deterem 83% destes ativos, a desigualdade

*não deve importar para nós, porque na maioria dos casos os ricos ganharam suas fortunas por causa dos seus talentos”.*

**Opções políticas** – O geógrafo destaca que toda mudança gera resistências. Ele diz que se alguém sugerir o aumento do salário mínimo no Brasil haverá muitas reclamações. O argumento será sempre que a economia brasileira não suporta o peso, que a Previdência iria quebrar. “Será? Se 46 famílias puderam acumular 6,2% do PIB brasileiro, significa que esta riqueza foi tirada do país por meio de um sistema de distribuição de renda que permitiu esta acumulação. Se a distribuição for feita de outra forma, dentro do mesmo sistema, com a mesma eficiência e com a mesma produção, o Brasil poderá aguentar e vai haver uma melhoria na qualidade de vida da maioria”, garante o especialista. “A distribuição das riquezas de uma nação é fruto de opções políticas e não econômicas”, afirma o professor. Em 1948, por exemplo, o governo trabalhista inglês implantou um sistema de saúde de qualidade ao qual todos têm direito até hoje. “Atualmente os conservadores tentam acabar com ele sob a alegação de que o país não tem capacidade financeira para sustentá-lo. Se a economia pode aguentar grandes percentuais de lucro para donos de empresas e tanta concentração de riqueza por que não pode sustentar um serviço de saúde de qualidade que foi implantado no período pós-guerra, quando a Inglaterra estava praticamente falida?”, questiona. Ele próprio responde: a classe dominante não permite. “Por isso os 70% precisam pensar, liberar a cabeça das ilusões, e exigir as transformações. Um pouco de melhoria para muitos não vai quebrar um sistema tão rico”, argumenta Saha.

No Brasil, ainda que a Constituição garanta direitos sociais para todos, se um cidadão quiser bom atendimento de saúde ou escolas de qualidade precisa contratar a rede particular, fechando o acesso a um futuro melhor para a maior parte da população. “É uma questão de valores. Em uma sociedade justa é possível coexistir a educação privada e pública. Mas a grande maioria dos brasileiros não tem acesso à educação e saúde satisfatórias porque a classe dominante transformou estes serviços em mercadoria. Por isso a elite não tem interesse em mudar. Isso é ideológico e não financeiro. Com educação e saúde precárias, a maior parte da população perde direitos de cidadania”, avalia.

O especialista defende a criação de um modelo alternativo ao capitalismo neoliberal que atenda às necessidades da maior parte da população e que combine com a diversidade das sociedades. “Um modelo global não vai acolher cada demanda, por isso é preciso combinar generalidades – como a diminuição da desigualdade – com particularidades”, resume o especialista. Para ele, os intelectuais e lideranças culturais têm a tarefa de ajudar a reconfigurar os mapas mentais de seus povos, derrubando os estereótipos criados deliberadamente para sustentar e manter o modelo ideológico vigente. ■

